



O Corpo da mulher e seu lugar midiático no Amazônia Jornal¹

Nathan Nguangu KABUENGE²

Alda Cristina COSTA³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O corpo da mulher como mídia e instrumento de sedução, de submissão e de consumo no jornal impresso Amazônia, publicado diariamente em Belém. É nesta tessitura que o presente artigo foi escrito, analisando o corpo da mulher publicado em todas as edições do periódico. Ao selecionarmos o jornal, partimos da intencionalidade criada pelo veículo nas suas edições, de utilizar o corpo como um instrumento midiático e de atração, e também de controlar e estimular os seus leitores ao consumo das notícias, dos produtos e de comportamentos. O corpo da sedução que analisamos nesta pesquisa. Considerando a mídia em geral, e em particular, o jornal paraense, que se apresenta como um lugar de produção de sentido para a sociedade, utilizando “uma linguagem” estratégica para se comunicar com seus leitores. Foram analisadas cinco capas do jornal em edições diferenciadas do ano de 2013.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Amazônia Jornal, Mídia.

O corpo como objeto de saber

O século XX, segundo Courtine (2006), devolveu ao corpo sua importância nas narrativas epistemológicas como sendo um organismo vivo em oposição às considerações vigentes no século XIX, segundo as quais – desde que o homem começou a buscar entender a relação que lhe ligava com seu corpo – o corpo era um dos componentes da matéria ou uma parte de um mecanismo.

É interessante destacar que o homem sempre manteve ao longo da história, uma relação dúbia com seu próprio corpo. Ao mesmo tempo, considerava-o sagrado e também, profano. Essa simbiose entre sagrado e profano é advogada por Durkheim (1912) como sendo uma classificação das coisas em duas classes: as sagradas são aquelas que os interditos separam e protegem e as profanas são aquelas às quais esses

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Bolsista do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense da Universidade Federal do Pará – UFPA; Graduando em Comunicação social/Jornalismo; e-mail: nathanguangu@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará; professora do Curso de Comunicação Social; e coordenadora do Projeto de Pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense”, parceria entre UFPA/CNPq, email: aldacristinacosta@gmail.com



interditos se aplicam e devem ser mantidas longe das coisas sagradas. Seja qual for a denominação dada ao corpo, uma coisa certa, desde a Antiguidade, o homem sempre usou seu corpo como instrumento para satisfazer suas necessidades mais imediatas como, por exemplo, a de se comunicar com seu próximo no cotidiano, concepção debatida por Baitello Junior (2000), estudioso influenciado pelo conceito estabelecido por Harry Pross (1971) sobre a nova classificação dos sistemas de mediação na construção dos processos comunicacionais, em que considera o corpo como uma mídia primária que coloca os indivíduos cara a cara, direta e imediatamente numa experiência dialógica. Pross entende o corpo como uma linguagem produtora de inúmeras outras linguagens que facilitam ao homem se aproximar de seus semelhantes.

O corpo seria uma invenção teórica recente, ou seja, final do século XIX e início do século XX, afirma Courtine. Até então, ele exercia um papel secundário na cena do teatro filosófico, “desde Descartes, a alma parecia exercer o papel principal” (2013, p. 12).

Considerando não ser nosso objetivo construir um relato histórico do corpo, mas apenas inserir sua discussão como objeto de saber e pesquisa.

Ao analisarmos a *Amazônia Jornal*, publicado diariamente em Belém, observamos que o jornal em todas suas edições, visibiliza três tipos de corpos com o propósito de se comunicar com seus leitores nas suas preferências, ou melhor, controlar e estimular os seus leitores ao consumo de notícias, de produtos e de comportamentos. Em artigo produzido anteriormente, identificamos o corpo da paixão (do atleta), o corpo da violência (o cadáver ou pessoas identificadas com elementos de violência) e o corpo da sedução (mulher seminua). E é o último corpo o da sedução que analisaremos neste artigo. A mídia em geral, e em particular o periódico investigado, se apresenta como um lugar de produção de sentido para a sociedade. E é esse sentido, do lugar ocupado pelo corpo da sedução ou da mulher no jornal, que o utiliza como “uma linguagem” estratégica para se comunicar com seus leitores, que fizemos nossas observações.

O *Amazônia Jornal* é um dos jornais publicados diariamente em Belém do Pará. Ele faz parte das Organizações Romulo Maiorana (ORM) e foi criado em 2000 com objetivo de atingir todas as classes sociais com informação de “qualidade” e ágil. Sua linguagem e sua maneira de construção dos fatos jornalísticos apelam ao caráter popular se baseando sobre o tripé: informação, entretenimento e violência. Essa linha editorial vai ser seguida em todas as publicações.



O periódico se apresenta em um único caderno de 48 páginas⁴, dividido em editorias, ou seja: 13 (treze) páginas para a editoria Gerais (misturando notícias locais, nacionais e internacionais) 12 (doze) páginas para a editoria Show (notícias do show business, do mundo televisivo e do colunismo local), 14 (quatorze) páginas para a editoria Esporte (com destaque para o futebol) e 08 (oito) páginas para a editoria Polícia⁵ (notícias que abordam questões de violência na periferia local e nacionais). Do tamanho compacto e do formato berliner⁶, O Jornal é vendido por R\$ 0,75 nos dias úteis e R\$ 1,00, aos domingos.

Para o presente artigo, selecionamos, aleatoriamente, cinco capas das edições do jornal publicadas no mês de outubro de 2013 e que foram mapeadas para o projeto de pesquisa *Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense*⁷.

A capa do jornal representa um atrativo e um mosaico de informações diferenciadas. Podem ser encontradas diariamente, em uma única capa, informações sobre futebol, mulheres seminuas, violência urbana e as personagens das novelas da TV Globo⁸. O jornal dispõem as notícias sem recursos de referência que possam facilitar a busca rápida dos assuntos nas editorias que interessam mais o leitor. Esta ‘falha’ de organização, se assim podemos chamar, é proposital. O veículo utiliza esse dispositivo técnico com a intencionalidade de fazer com que o leitor veja o jornal como um todo antes de encontrar o assunto preferido. Em um primeiro momento, parece que há uma desorganização aparente do jornal, depois percebemos a intenção da editoria.

Da mesma forma há um abuso na utilização das cores. Cada editoria ou mudança de assunto é relacionada a uma cor ou a um destaque, quase imperceptível pelo leitor do dia a dia. Por exemplo, a cor vermelha predomina sempre nos títulos principais contrastando com outras cores. No término de cada editoria, há prevalência de uma cor nas abas identificativas: na editoria Gerais, há a primazia da cor amarela; na editoria Show, da cor verde; na editoria Esporte, da cor azul; na editoria polícia, da cor

⁴ As páginas podem variar até 64 em algumas edições.

⁵ As páginas do caderno polícia podem variar de 6 a 8 ou de 7 a 8, mas geralmente são 8.

⁶ Berliner é um formato que apresenta páginas de jornal que medem geralmente 470x315 milímetros, isto é, em relação ao tabloide, ele é pouco maior e em relação ao Broadsheet, sendo mais estreito e mais curto.

⁷ O projeto de pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense” está sendo desenvolvido desde setembro de 2012 na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará; foi aprovado no Edital Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto está estruturado em três etapas: na primeira, com mapeamento dos jornais impressos paraenses; na segunda, os programas televisivos e na terceira, alguns sites de notícias.

⁸ As novelas destacadas obedecem a seguinte lógica: as veiculadas pela TV Globo, uma vez que a emissora TV Liberal ligada às Organizações Romulo Maiorana, é afiliada da Rede Globo; segundo, pela audiência que as mesmas apresentam no dia a dia.



vermelha. O veículo usa muito recursos imagéticos: visual ou textual que leva a confundi-lo a uma revista⁹.

O corpo como objeto

O corpo presente nas capas do Amazônia Jornal é um corpo que se parece com o corpo de um antigo rei europeu, Luis XIV, da França, que se eternizou nas imagens. Esse corpo, além do competente orgânico, corpo real entendido por Lucia Santaella (2004, p. 141) como “o invólucro da pele, dentro do qual se anima um aparato físico-fisiológico, uma espécie de caixa semifechada de carne, sangue, ossos, músculos, nervos, órgãos [e] que sofre as vicissitudes do tempo, sobrevive, sente dor, adocece, envelhece, morre”, tem, segundo Foucault (1975), um componente que permanece através do tempo e se mantém como físico intangível do reino. Na verdade, o que estava em jogo neste corpo, era o exercício e a corporificação do poder que Peter Burke (1994), apontou na sua obra “A fabricação do rei”, em que a imagem do rei não só visava em geral fornecer uma cópia fidedigna dos traços do rei, mas era para celebrar Luis, glorificá-lo ou de persuadir pessoas da grandeza dele.

O poder que o corpo tem no Amazônia não é o mesmo descrito sobre o rei de Burke, e nem o poder descentralizado do Foucault (1979) em sua “Microfísica do Poder”, mas um poder percebido por Baudrillard (1981), na sua obra “Simulacros e Simulação”, em que não existe mais o verdadeiro poder, que pode se ter medo de perdê-lo. Um poder que não tem nem significado nem significante, mas que leva seus leigos na busca frenética e ansiosa para tê-lo através de sessões de academia, estética, cirurgia plástica, dieta, cosmético, entre outros atributos reivindicados pela contemporaneidade.

O Amazônia Jornal utiliza sempre três tipos de corpos: o corpo de um jogador de futebol, o corpo de um morto e o corpo de uma mulher seminua, construindo o único sentido para se comunicar com seus leitores e em certa medida, através deste corpo, estimular o consumo de seus produtos noticiosos.

Várias áreas de conhecimento se interessaram pelo estudo do corpo, como a biologia, psicanálise, antropologia, filosofia entre outros, ao longo do tempo, assumindo assim, na história vários sentidos discursivos, que podem ser constatados em Courtine (2006) ao retratar em sua obra “História do corpo”.

⁹ Em 2011, pela impressão impecável, o jornal recebeu o 3º lugar no Prêmio Brasileiro de Excelência Gráfica Fernando Pini, da Associação Brasileira de Indústria Gráfica (Abigraf).

O século XX é que inventou teoricamente o corpo. Essa invenção surgiu em primeiro lugar da psicanálise (...). Este primeiro passo foi decisivo, dado que abriu a questão das somatizações, e fez que se levasse em conta a imagem do corpo na formação do sujeito, (...) o ‘eu-pele’. Seguiu-se este um segundo passo, (...) à concepção elaborada por Maurice Merleau-Ponty do corpo como ‘encarnação da consciência’, seu desdobramento no tempo e no espaço (...). A terceira etapa dessa descoberta do corpo emergiu do terreno da antropologia, [que buscava saber] ‘as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, de maneira tradicional, sabem servir-se do seu corpo’ (COURTINE, 2006, p. 7-8).

O rigor da história se manifesta sobre o corpo através de vários discursos construídos em torno dele possibilitando sua exibição, sua exaltação ou sua dominação, pois, o corpo é uma superfície de inscrição dos acontecimentos. “Um lugar de dissociação do Eu (...), volume em perpétua pulverização. [por isso] a genealogia, como análise da proveniência, (...) deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo”. (FOUCAULT, 1979, p. 22).

O exemplo do corpo arruinado pela história é retratado por Foucault (1975) em seu livro “Vigiar e Punir”, demonstrando que o investimento do poder neste corpo se materializa através de várias instituições da sociedade, tais como o hospital, a prisão, a justiça, o hospício, entre outros, mas tem a intenção única de vigiá-lo e puni-lo. Mas no final do século XVIII e início do século XIX, o controle exercido sobre o corpo pelo Estado ou o poder era um controle-aprimoramento, ou seja, tornando o corpo apto ao trabalho, num mercado crescente e dócil para a disciplina cívica.

O controle do corpo e o seu aprimoramento parece se exacerbar com o advento da mídia que passa a controlar ao mesmo tempo, a objetividade e a subjetividade do homem. A partir desses aspectos, na mídia, o corpo passa a ser usado como objeto de atração, sedução e estratégia, principalmente na publicidade para seduzir outros corpos e estimulá-los a consumir mercadorias.

O corpo presente na mídia é um corpo idealizado – corpo nu, magro, bonito e muitas vezes, loiro – que estimula outros corpos ao consumismo e facilita à mídia a pautar a vida do homem em relação ao ver, ao falar, ao sentir e ao pensar.

A mídia, nesse caso, o periódico, utiliza nas publicidades com muita frequência, o corpo da mulher como, por exemplo, um objeto de atração que facilita a venda de outros objetos. O uso do corpo da mulher nas publicidades pelo jornal Amazônia parece trazer à tona as lutas do movimento feminista do século XIX, que conseguiram libertar esse corpo da hegemonia médica, da hegemonia masculina, mas ainda não conseguiu



fazer o mesmo contra o uso degradante do corpo da mulher no referido periódico paraense, como objeto de marketing para a venda de produtos.

Nessa luta sem defesa, a mulher, como o camponês clássico do marxismo que, diante do surgimento e do crescimento do capitalismo, não tinha outra coisa que podia assegurar sua sobrevivência que não seja a sua própria força de trabalho trocado como produto no mercado de trabalho, se vê obrigada a trocar seu único produto defendido e protegido pela ideologia feminista: o seu corpo que se torna um simulacro, isto é, um corpo sem defeito, corpo que não sua, que não tem mau cheiro, sem ruga, nua sem nudez e sempre jovem graças à ilusão dos efeitos sagrados da academia, da dieta, da cirurgia plástica, sendo um objeto de atração, o corpo da mulher no jornal, passa a ser desejado e torna-se um corpo esvaziado do significado e do significante do poder presente no corpo do rei.

O corpo da mulher idealizado no jornal possui em certa medida, um efeito de estímulo ao consumo e de controle do leitor, sem necessidade do panóptico foucaultiano, destruído pela TV, como evidencia Baudrillard. Se o panóptico possibilitava o controle só do corpo infrator para ser punido, a mídia, nesse caso, o jornal paraense, além do corpo, controla em certa medida, seu subconsciente não para puni-lo ou supliciá-lo, mas para estimulá-lo ao consumo e garantir sua docilidade diante do poder midiático que pauta e controla o que se deve assistir ou ler, se deve fazer, se deve comer e se deve dizer, em suma, como se comportar e viver em sociedade.

O corpo como mídia

De acordo com Pross (1971) em “A teoria da mídia”, o homem sempre usou seu corpo como meio de comunicação desde os princípios da humanidade. O teórico alemão classifica o corpo como sendo uma Mídia Primária, na sua classificação dos sistemas de mediação dos processos de comunicação. O autor classifica a mídia em três estágios diferentes: mídia primária, o corpo; mídia secundária, além do corpo se usa implemento material no processo comunicacional e a mídia terciária, processo comunicacional mediada pelo aparato tecnológico entre o emissor e o receptor.

Para o autor, “toda comunicação humana parte da mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e presentes em um mesmo momento, e toda comunicação humana retorna a esse ponto” (PROSS apud SANTOS, 2009, p. 8). Percebemos que para ser possível, a mídia primária precisa de um espaço físico no qual os coemissores e correceptores encontram-se ao mesmo tempo quando se comunicam.



O espaço no qual o corpo da mulher entra em comunicação com os leitores são as capas do jornal Amazônia (Figuras de 1 a 5) nas quais, o corpo da mulher sempre se encontra em destaque, seja no canto inferior direito ou esquerda do jornal com tamanho e largura diferente dos outros corpos presentes nesse espaço físico. De fato, ao ler ou ver a capa do jornal, o leitor entra “no espaço físico” onde esta o corpo e se comunica no tempo “real”.

Além da linguagem falada, a mídia primária, também utiliza na concepção de Pross, a linguagem gestual. Ou seja, na sociedade, as expressões corporais são imprescindíveis para os grupos primários, sua utilização é padronizada e produz outros gestos. O corpo da mulher na capa do jornal tem somente a linguagem gestual para se comunicar com seu interlocutor (Figuras 1 e 2). Para Pross, os gestos da mídia primária podem começar com os simples odores e passando para os sons articulados e inarticulados; os ritmos e repetições; movimento com as mãos, com a cabeça, com os ombros; as expressões faciais, os rubores ou a palidez; as rugas ou cicatrizes; os movimentos do corpo: o andar, o sentar; o riso; a gargalhada; a postura; o choro, entre outros elementos.

A comunicação, sendo uma experiência social, depende do condicionamento sociocultural de uma determinada sociedade que padroniza certos signos com carga de significação particular para determinada prática discursiva. Nesse sentido, o corpo como mídia primária, além das limitações biológicas que demarca o seu alcance, há restrições também das práticas culturais, dos costumes, dos tabus e das interdições que delimitam seu uso e que atribuem certas significações a um grupo particular de gestos. O Amazônia Jornal como lugar de formação de sentido, de objetividade e de subjetividade da sociedade, assim como os outros meios de comunicação existentes em Belém, não impõe restrições ao uso do corpo da mulher como mídia. Faz um movimento contrário ao que definem as práticas jurídicas escritas como a lei Maria da Penha¹⁰ e das lutas feministas contra a violação dos direitos da mulher como pessoa digna de respeito. Nega

¹⁰ LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

a identidade da mulher como pessoa e viola a intimidade do seu corpo, tomando o clichê do “corpo sexuado”¹¹ (Figuras 3 e 4).

Ao elaborar os estudos do corpo como mídia, Pross vai afirmar que para um bom entendimento no processo comunicacional mediado pelo corpo, os agentes nele implicados devem ter um conhecimento de ponta entre si. Isto é, o emissor da mensagem precisa ter domínio da linguagem gestual e da mímica enquanto o receptor deveria ter domínio dos movimentos realizados através de um conjunto de gestos emitindo pelo emissor para entendê-lo. Pois, o problema encontrado nesse tipo de comunicação e como em todas as formas de comunicação é a interpretação da mensagem transmitida que depende da subjetividade de cada agente implicado no processo comunicacional. Ou,

A relação entre corpo e espírito é expressa através de gestos, e é capaz de produzir uma impressão nos outros. Expressão e impressão podem ser conscientes ou inconscientes, de modo que aquele que expressa frequentemente não saiba a razão de ter passado certa impressão, e o impressionado pode vir a reagir de alguma forma, sem saber o que o levou a tal reação. (idem, p. 10-11)

Por isso, o emissor da mensagem na comunicação primária, deve se assegurar que sua mensagem foi bem transmitida para obter uma reação esperada. Tal cuidado pode ser constatado no *Amazônia Jornal*, em que a informação elaborada com a inserção do corpo da mulher deva ser enquadrada nos títulos e textos que acompanham essa mídia primária apresentada nas capas (Figuras 1 e 4).

Para ter uma resposta esperada na mídia primária, vários códigos serão cruzados e expressados nos gestos do corpo. Esse cruzamento pode levar às múltiplas interpretações possíveis. Para obter a reação desejada, o emissor deve tomar cuidado ao transmitir sua mensagem num contexto bem determinado. Para Pross, “o momento e o grupo são indissociáveis à expressão, de modo que um ciclo se fecha: a direção da visão, o momento e o grupo remetem-se um ao outro”. Isto se percebe bem claro no *Amazônia Jornal*, por exemplo, Figura 4, encontra-se um corpo da mulher todo sensual com gestos de sedução sexual acompanhado do título: “Segredos íntimos” e do texto: “Bella Falconi (acima), famosa pelo abdômen musculoso, gosta de velas, incenso e música na hora do sexo”. Esses elementos gráficos presentes nessa capa e que se combinam com os

¹¹ Para mais informação sobre o corpo sexuado ver MOULIN, A. Marie Sohn. O corpo sexuado. In: COURTINE, J. Jacques. História do corpo. 3^o Ed. V 3. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.



gestos expressados pelo corpo da mulher, acreditamos, possibilita uma única interpretação: objeto de prazer e de desejo, pronto a satisfazer os outros. Quem quiser satisfazer seu prazer sexual com o corpo apresentado, deve conjugar fantasias e acessórios sensuais para possibilitar a essa máquina de prazer – corpo da mulher – de se ligar intensificando sua intimidade e aumentar sua cumplicidade para seu prazer.

A partir das análises do teórico alemão Harry Pross, constatamos que as capas do periódico paraense, usam o corpo da mulher como meio de comunicação para que ele possa se comunicar com os leitores estimulando-os ao consumo dos seus produtos noticiosos.

O lugar do corpo da mulher no Amazônia Jornal

O Amazônia Jornal sendo uma das instituições ou lugares de produção de sentido na sociedade belenense tem regras e normas que governam essa produção. Quem pode falar nesse lugar é só a pessoa que diz o que esta de acordo com a verdade¹² permitida ou a ideologia vigente e aceita neste lugar. Essa verdade possibilita a seu dono ocupar uma determinada posição na hierarquia existente nesse campo social, neste caso, o Amazônia Jornal.

Para Pierre Bourdieu (1983), o campo social é um espaço simbólico estruturado caracterizado pela luta dos seus animadores em prol de ocupar seguindo regras específicas estabelecidas e aceitas por todos como sistema de valores, uma dada posição na hierarquia existente. De outro modo, um espaço constituído e constitutivo de relações humanas. Relações que se estabelecem em torno de atividades sociais, como o produzir notícias – campo jornalístico.

Em relação ao sentido que o Amazônia Jornal atribui ao corpo da mulher nas suas práticas jornalísticas como vista acima, o corpo da mulher ocupa nesse jornal, um lugar sem lugar por não ter os saberes permitidos no seu sistema de valores na produção do sentido e formação da subjetividade para a sociedade paraense. Ao invés de uma linguagem falada permitida na produção do sentido no jornal, esse corpo tem só a linguagem gestual de atração sexual que o jornal quer que a mulher tenha. Daí, nas suas práticas jornalísticas, o jornal coloca o corpo da mulher como uma caixinha de hormônios sexuais sempre prontos para ser dissipados na satisfação do prazer do outro. Como sugerem as imagens das Figuras 2, 3, 4 e 5, nas quais o corpo da mulher

¹² Ver na “microfísica do poder” do Foucault para mais informação.

parece perturbado pelas pulsões sexuais não para seu gozo, mas para o gozo do outro. Pois, o olhar que esse corpo tem, além de ser um olhar de sedução, sempre centrado e dirigido ao leitor que não tem como desviá-lo, e um olhar de convite do outro para seu gozo sem a mulher do seu corpo como se concordasse com a afirmação lacaniana de que “a mulher é o sintoma do homem”¹³.

A negação da verdadeira identidade do corpo da mulher e da sua subjugação como coisa de prazer presente no Amazônia Jornal é uma fonte potencial da violência contra a mulher se concordamos com a afirmação de Magalhães (2011) e Souza (2011) de que “uma das causas centrais da violência na contemporaneidade é a negação da diferença. O não reconhecimento do outro como pessoa”.

O corpo da mulher, nas capas do jornal, passa a ser visto como uma fonte ambulante de satisfação das pulsões sexuais do outro de acordo com o lugar que o periódico reserva a esse corpo no seu fazer jornalístico. Isto pode, em certa medida, levar à violência doméstica, física ou simbólica que a mulher pode sofrer na sociedade.

O corpo da mulher apresentado nas capas do jornal (Figuras) é um corpo que goza sem gozar por não ter sentimento e de ser um “fetiche” da mulher que precisa cuida-lo através das sessões da cirurgia plástica, da academia, da dieta, entre outros, para lutar contra os defeitos que podem surgir ou contra a velhice, não tolerada e suportada no mercado de troca dos corpos objetos. Ou,

Para a expressão de um corpo que visibiliza beleza, glamour e sedução há um modo de recepção e de acolhimento mais tolerante e respeitoso, mas para um corpo que não reproduz o padrão estético normatizado lhe restam a coragem e a determinação no enfrentamento dos processos de estigmatização, ou de suportar as dores e angustias que lhe cabe, preferindo muitas vezes se contorcer de dor em suas casas do que se submeter aos olhares e comportamentos que as excluem de direitos e acesso a bens e serviços de qualidade. (FOUCAULT apud SOUZA, 2011, p. 98-99).

Esse corpo glorificado no jornal tem uma existência não existente – de acordo com o ditame existencialista, “*eu penso, logo existo*” – pois, não é a mulher que pensa a respeito de sua existência, mas a mídia estabelece os padrões de beleza a ser seguido para uma boa aparência, se assemelhando à força alienante da ideologia na ortodoxia marxista, obrigando a mulher a se submeter a uma serie de manipulações físicas:

¹³ Ver: Lucia Santaella. Corpo e comunicação, sintoma da cultura. São Paulo, Paulus. 2004. P. 136



cirurgia plástica, academia (Figura 1); alimentares: dieta e morais: o corpo deve se expor nu sem nudez (Figura 2). Esse corpo da mulher parece se vingar do “mal estar” sofrido na moda da “belle époque” (século XIX) caracterizada pelo seu cuidado de não deixar aparecer algumas partes do corpo da mulher, sacralizadas pelos tabus da época, que não permitiam ser vistas por outra pessoa.

Será que a negação da identidade verdadeira do corpo da mulher e seu rebaixamento às funções sexuais no Amazônia se configuram como uma prática nostálgica lembrando a sociedade machista antiga brasileira retratada na novela “Gabriela” da TV Globo? Ou a sociedade machista moderna brasileira cantada na canção “Esse Cara Sou Eu” do cantor Roberto Carlos em 2012? Ou presente na recusa de ser chamado “filho ou filha da mãe”? São perguntas que não têm respostas neste texto, mas análises do lugar ocupado por este corpo no periódico paraense: esse corpo da mulher nas narrativas jornalística do Amazônia, nega sua verdadeira identidade ao torná-lo objeto de prazer sexual para o outro que busca possui-lo a qualquer custo, com ou sem consentimento do seu provável dono.

Breves reflexões

O corpo feminino, para Pierre Bourdieu, é um “corpo-para-o-outro” objetificado pelo olhar e pelo discurso dos outros. A relação da mulher com o próprio corpo não se reduz à autoimagem corporal, mas a estrutura social desta relação está na interação, nas reações, na representação que um corpo provoca no outro e como essas reações são percebidas.

As mulheres são objetos simbólicos das construções dos modos de enunciação de diferentes saberes constituintes da dominação masculina e o efeito dessa estrutura coloca a mulher em um estado perene de insegurança corporal, “elas existem primeiro pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis” (BOURDIEU, 1999, p.82).

O corpo da mulher no Amazônia Jornal representa um instrumento de sedução e de apelo dos leitores.



Referências bibliográficas

- BAITELLO JUNIOR, Norval. O corpo em fuga de si mesmo. **Revista do LUME**, número 01, outubro 1998, Campinas, Lume - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – Universidade Estadual de Campinas.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**. 3º Ed. V 3. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 29º Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23º Ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BOURDIEU, P. A **Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999
- MAGALHÃES, J. L. Q, SOUZA, T. R. Violência e modernidade. In: **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica** . Ângela Buciano do Rosário, Fuad Kyrillos Neto, Jacqueline de Oliveira Moreira (organizadores) –Barbacena, MG : Ed UEMG, 2011.
- SOUZA, L. A. Francisco; SABATINE, T. Teixeira; MAGALHÃES, B. Ribeiro. **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Disponível em http://www.marília.unesp.br/Home/Publicacoes/foucault_book.pdf Acesso em: 15 de jul. 2013.
- SANTOS, K. C. H de Oliveira. **Estudos dos conceitos fundamentais da teoria da mídia de Harry Pross: uma teoria dos multi-meios**. Disponível em <http://www.youblisher.com/p/61332-Estudos-dos-conceitos-fundamentais-da-teoria-da-midia-de-Harry-Pross/> Acesso em: 10 de jan. 2014.



Figura 1. Capa do Amazônia Jornal, edição de 30 out. 2013



Figura 2. Capa do Amazônia Jornal, edição de 20 out. 2013



Figura 3. Capa do Amazônia Jornal, edição de 19 out. 2013



Figura 4. Capa do Amazônia Jornal, edição de 15 out. 2013



Figura 5. Capa do Amazônia Jornal, edição de 5 out. 2013